



Corrida por qualificação leva 230 mil produtores do PR de volta à escola

Curitiba/PR

Perto de 80% dos produtores rurais do Paraná não têm ensino médio completo. E metade desse grupo deixou o ensino formal logo que começou a ler e a escrever, aprendendo a profissão na prática. O quadro, escancarado pelo último Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme os dados divulgados a partir de 2007, começa a mudar. Os produtores não estão voltando para a ensino regular. Eles recorrem a cursos focados na atividade. É o que mostram os números do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, o Senar, e do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, Secoop.

A procura pelos cursos do Senar aumentou quase cinco vezes na última década. O número de pessoas qualificadas passou de 21.875 em 2001 para 103.049 em 2011. No SESCOOP, os cursos reuniam menos de 1 mil pessoas uma década atrás e, no ano passado, chegaram a 129 mil. Isso significa que uma em cada duas propriedades (são 370 mil no estado) tem algum representante buscando conhecimento e atualização profissional em cursos direcionados. Os cursos lotam salas de aula providenciadas muitas vezes nos próprios sindicatos e cooperativas. Técnicos preparam módulos de 40 horas e percorrem o estado.

Para o gerente técnico do Senar-PR, Elcio Chagas da Silva, o crescimento deve-se ao interesse maior do agricultor em se preparar para garantir uma boa gestão da propriedade, bem como o aumento da produtividade. Outro fator que ele aponta é a maior participação das mulheres e dos jovens na agropecuária. “Hoje, a mulher e o jovem têm maior interesse na atividade rural e em se preparar para ela, diferente de dez anos atrás.” Do público que participou dos cursos em 2001, 74% eram homens e, 26%, mulheres. Já, no ano passado, o percentual registrado foi de 56% homens e 44% de mulheres.

E não são só os produtores que tem não completaram o ensino regular que buscam cursos técnicos. A escolaridade do produtor que passa pelo Senar. Os alunos com ensino superior, que representavam 4,5% em 2001, passaram para 10,2% no ano passado. Por outro lado, perto de 2% se dizem analfabetos. A grande maioria dos cursos exige domínio de leitura. Para ser tratorista, por exemplo, é necessário conhecimento básico de informática.

Segundo o engenheiro agrônomo Arfélio Cagnini, instrutor do Senar-PR há 19 anos, o perfil do produtor rural do estado começa a mudar. “Os filhos dos produtores estão estudando até o ensino médio ou até o superior, diferente dos pais”, comenta.

Oferta de pós-graduação cresce três vezes

O Brasil tem registrado crescimento também dos cursos de pós-graduação na área do agronegócio. Segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), os programas da área de Ciências Agrárias do país passaram de 184 em 2002 para 586 em 2012 –um crescimento de 218%.

Esses programas consistem em cursos de mestrado, doutorado e mestrado profissional, distribuídos em todos os estados do país. São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul concentram o maior número de cursos.

“Com o crescimento da população mundial projetado para 9 bilhões de pessoas até 2050, a produção de alimentos é a prioridade número um e o Brasil tem uma grande responsabilidade nesse contexto”,

comenta o professor Evaristo Marzabal Neves, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq-USP).

Neves acredita que o país tem condições de atender à demanda nacional, mas para isso precisa contar com profissionais preparados. “Nosso objetivo é a excelência e trabalhamos isso com foco na formação do profissional que entenda a produção agrícola de forma integrada: área técnica, social, econômica e ambiental”, ressalta Neves.

A área gerencial do agronegócio é o foco principal dos cursos. Muitos alunos conseguem começar a pós no Brasil e terminar no exterior, em instituições de países como França, Holanda e Estados Unidos, bem como alguns estabelecimentos da América Latina.

Módulos são mais úteis que o ensino formal

Do ponto de vista dos produtores, fazer um curso de 40 a 80 horas é mais útil para a atividade rural do que concluir cursos regulares em escolas municipais e estaduais. Outra vantagem é que os módulos do Senar e do Sescoop podem ser conciliados com o trabalho.

Aos 21 anos, Eziel de Andrade está no comando de uma propriedade rural de 12,1 hectares, no município de Teixeira Soares, Centro-Sul do estado. Na área, ele cultiva fumo, milho e feijão e tem rentabilidade mensal de cerca de R\$ 2 mil. Com o intuito de melhorar o rendimento e a produtividade, deixou a atividade no campo para se atualizar. Pela segunda vez, é aluno do curso de “Operação e manutenção de tratores agrícolas” ofertado pelo Senar. Agora, escolheu o nível avançado, com 80 horas-aulas, ofertado no Centro de Treinamento da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Colombo.

Com ensino fundamental completo, Eziel não pensa em dar continuidade ao ensino regular. “Não dá para sair estudar e largar a propriedade.” Mas, considera os cursos de capacitação de curto período uma ótima opção para aprimoramento. “Para dar conta do avanço da tecnologia, é importante buscar mais conhecimento”, afirma.

Na mesma turma, José Bueno, de 33 anos, também aponta como ponto de interesse a atualização. Morador de Porto Barreiro (PR), no Centro-Sul do estado, é funcionário de uma fazenda. Em sua avaliação, é mais fácil se qualificar por cursos rápidos para quem trabalha no meio rural. “É fundamental estar atualizado para se ter melhores resultados. Às vezes, estamos trabalhando da forma errada”, comenta.

Serviço:

A lista completa dos cursos, por nota ou região, pode ser acessada no site www.capes.gov.br. O interessado deve clicar em “cursos recomendados”.

Carolina Mainardes